

Transições de vida: buscando alternativas para viver no mundo em ruínas¹

Stephanie Ferreira Sacco - UFPB

Palavras-chave: sistemas de conhecimento, amor, saúde

Em janeiro de 2020, quando realizei o trabalho de campo no IV Encontro de Saberes da Caatinga, que apresento nesse artigo, já entendia que vivíamos no que muitos autores chamam de Antropoceno - a era das perturbações do Homem na terra². Naquele momento, minhas preocupações, assim como a de todos e todas participantes do evento estavam voltadas a saúde do planeta, assim como a saúde se si, das pessoas e demais seres ao redor. Hoje, quando escrevo esse artigo, em setembro de 2020, essa preocupação se faz ainda mais presente. Há 6 meses vivemos a pandemia da covid-19, que matou muitos seres humanos no mundo todo, acentuou desigualdades e colocou uma luz sobre a forma que nos relacionamos com o planeta.

O IV Encontro de Saberes da Caatinga aconteceu na comunidade Posto da Serra, em Exu – município do Pernambuco, nordeste brasileiro que faz parte da área de proteção ambiental da Chapada do Araripe. O encontro reuniu protagonistas locais - os raizeiros, raizeiras, rezadeiras, rezadores, benzedeiros, benzedeiras e parteiras da região - com pessoas do Brasil todo. Estas buscavam conhecimentos tradicionais para aplicar em suas práticas de cura, alimentação e saúde. Atendi ao evento por convite um interlocutor de minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba sobre pessoas que passam por uma transição ecológica de vida, e saem de grandes centros urbanos em busca de um novo modo de vida em conexão com a natureza e com práticas sustentáveis de alimentação, consumo, moradia, etc.

Durante o evento, além de conhecer pessoas que se tornaram interlocutoras de minha pesquisa, vivenciei encontros entre diferentes sistemas de conhecimento (CUNHA, 2010), de entendimento de saúde, doença e cura. O comum entre eles é que o amor flui entre os terapeutas, os curandeiros e seus sujeitos em processo de cura e o

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² O termo Antropoceno é constantemente contestado, principalmente pelas ciências humanas, que não aceitam o antropoceno, ou a espécie humana generalizada como a causadora das mudanças negativas no planeta. Escolhi usa-lo neste artigo da maneira como Anna Tsing: que vê nesse *antropoceno* o Homem iluminista, sem deixar de lado as contribuições dos outros cenos que aparecem na literatura – como o próprio *plantationocene* que ela cunhou (TSING, 2019, p. 204).

ambiente todo a seu redor, e não a coerção característica da forma em que o Homem lida com suas relações – seja com humanos ou não-humanos (TSING, 2019). Nesse artigo busco mostrar como o amor que emerge desses diferentes encontros acha refúgios habitáveis em nosso mundo presente que está em ruínas.

“Se a gente esquecer a raiz, as folhas vão cair”

Essa frase foi dita por diversas pessoas durante o IV Encontro de Saberes da Caatinga - representantes da Fiocruz³, pelas raizeiras, raizeiros, benzedeiros, benzedoras e participantes do evento. Ela diz muito sobre a forma de praticar e entender o que é saúde para os participantes do evento. Ela fala sobre ancestralidade, sobre conexão e o cuidado com o planeta e sobre a perspectiva de um fim, das folhas caindo, se o cuidado com o que nos sustenta for negligenciado.

Durante todos os nove dias de evento diferentes estratégias de cuidado com as essas raízes foram abordadas. Mas antes de chegar nelas, vale a pena pensar nas raízes dos problemas que assolam nosso planeta e a humanidade nele inserida. Pandemias, a crise ecológica e de civilização são resultado da forma que o ser humano se relaciona com o que ele mesmo chamou de Natureza, e de termos o capitalismo como *ecologia-do-mundo*⁴. Com esse conceito do historiador Jason Moore quero dizer que o capitalismo, como uma organização humana, é ao mesmo tempo produto e produtor das redes de vida do planeta. Isso porque existe uma *dupla internalidade*⁵ na ação das espécies no ambiente, ou seja, ao mesmo tempo que o ambiente faz as espécies como são (incluindo os Homo Sapiens), as espécies fazem o ambiente (MOORE *et al.*, 2016, p. 79).

O desenvolvimento histórico do capitalismo como *ecologia-do-mundo* fez com que as raízes fossem deixadas de lado, e que a iminência do fim do mundo (KRENAK, 2019), da caída das folhas, ou da Queda do Céu, para fazer referência à cosmologia Yanomami (KOPENAWA; ALBERT, 2015) se tornasse uma emergência. Para os últimos, são os xamãs os responsáveis por segurar as estruturas do céu e nos manter vivos. E os xamãs estão morrendo – assim como a floresta que eles habitam, graças a ação do

3 A FIOCRUZ, assim como o ICMBio, ambos órgãos estatais - o primeiro relacionado a promoção de saúde, e o segundo preservação ambiental eram apoiadores do evento. Ambos apoiaram com logística e documentação, mas nenhum investiu financeiramente no evento, que se custeou com o pagamento das inscrições e se manteve independente do Estado.

⁴ James Moore diz, em inglês *world-ecology*. A tradução para *ecologia-do-mundo* é minha (MOORE *et al.*, 2016).

⁵⁵ Outro conceito de Moore que traduzi. No original, *double internality: “humanity inside nature, nature inside humanity. (With humanity differentiated, not reduced to a formless, abstract homogeneity)”* (MOORE, 2016, p. 79).

Homem branco que traz suas doenças desde o século XVI e a exploração do garimpo que desmata e polui a floresta. E o céu cairá não só para os Yanomami. Porque como mesmo com suas armas de fogo, o sopro de vida dos brancos é tão curto quanto o deles, e com a queda do céu: “vão devorá-los, com tanta voracidade quanto suas fumaças de epidemia devoraram os nossos” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 492). Para eles, o que chamamos de futuro é o céu protegido de epidemias e amarrado em cima de nós. Mesmo com o céu ruindo os xamãs conseguem segurá-lo, remendá-lo. A floresta é vista como um ser agente e inteligente como os humanos. Mesmo assim, sem a força do canto dos xamãs ela também não conseguiria ficar muito tempo em pé, e cairia no caos, como nós.

O território Yanomami é distante da Caatinga, mas sua forma de entender o mundo e a iminência do fim dialoga com as diferentes falas e oficinas do evento, porque no final das contas, a raiz do problema que deixa a terra doente, que faz com que as folhas - e o céu - caiam é a mesma. É nos estudos do Antropoceno e seus outros “*cenos*” descendentes que busco não só entender como chegamos e esse estado de emergência mas também a inspiração para achar antídotos para adiar o fim do mundo, parafraseando Ailton Krenak (2019) ou achar os refúgios para habitar o mundo em ruínas que o capitalismo como *ecologia-do-mundo* nos deixa.

Jason Moore elabora o termo Capitaloceno, que prefere ao Antropoceno por entender que as crises ambientais e civilizatórias que vivemos estão relacionadas não com o *antropo*, ou a espécie humana como um todo, mas sim com o desenvolvimento do capitalismo. Para entender sua gênese, é central entender como a estrutura de pensamento dualista cartesiano funciona e suas consequências históricas. René Descartes (1596 – 1650) dá nome a essa forma de pensamento de um movimento científico e filosófico muito maior do que ele, pelo seu argumento de separação entre a mente e o corpo. Ao separar a mente do corpo, ele separou também a mente da natureza e assim, a humanidade dos não humanos. A mente, capaz de pensar, de descrever as coisas, foi assim isolada, colocada como oposto do corpo material. O corpo foi então desprovido de qualquer capacidade de agencia ou de intencionalidade, como se fosse um mecanismo vazio, apenas dirigido de fora pela mente. “Penso, logo existo”, dizia Descartes. A existência era então exclusiva de quem pensava, de quem tem mente. O corpo, separado dela, era material, como a natureza e todos os não humanos em volta. (MOORE *et al.*, 2016, p. 84). O capitalismo foi a primeira civilização a se organizar a partir dessas bases filosóficas não apenas para interpretar o mundo, mas também para controlá-lo: “*to make ourselves*

as it were the masters and possessor of nature”⁶ (MOORE *et al.*, 2016, p. 84 apud Descartes 2006, 51). E foi assim que a civilização capitalista se apoiou nesse fundamento ontológico e epistemológico que se formou entre os séculos XV e XVIII (MOORE *et al.*, 2016, p. 84).

A história sangrenta da separação do Homem da Natureza aparece na narrativa de David Kopenawa com os brancos garimpeiros que destroem a floresta e trazem as epidemias para os povos Yanomami, por exemplo. Como Moore, uso Homem, com H maiúsculo quando me refiro a essa civilização capitalista que se vê separada da Natureza, usada com N maiúsculo quando é objetificação e desprovida de agencia e de valor. E essa Natureza barata é explorada pelo capital até o seu limite - que está muito próximo. Vale lembrar também que muitos humanos foram colocados do lado da Natureza e explorados como tal: sendo os Yanomami parte deles, assim como outros povos tradicionais que ousavam pensar diferente e as pessoas trazidas do continente Africano como escravas. Krenak, apoiando-se em Eduardo Galeano, nos lembra como esses outros humanos de fora da Europa, sendo colonizados, já tinham convicção de que esse projeto de civilização que lhes era imposto era um erro, e por isso resistiram - e continuam resistindo até hoje. Segundo Krenak, eles diziam: “a gente não quer essa roubada”. E os caras: “Não, toma essa roubada. Toma a Bíblia, toma a cruz, toma o colégio, toma a universidade, toma a estrada, toma a ferrovia, toma a mineradora, toma a porrada”. Ao que os povos responderam: “O que é isso? Que programa esquisito! Não tem outro, não?” (KRENAK, 2019, p. 14).

Anna Tsing fala do *Plantationcene*, e coloca as *plantations* de cana de açúcar nas américas como ponto central para contar sua narrativa sobre o mundo em ruínas que vivemos. Segundo a autora,

“As *plantations* são sistemas de plantio ordenado realizado por mão de obra de não proprietários e direcionados à exportação. As *plantations* aprofundam a domesticação, reintensificando as dependências das plantas e forçando a fertilidade. Tomando de empréstimo da agricultura de cereais promovida pelo Estado, investiu-se tudo na superabundância de uma só lavoura. Mas faltou um ingrediente: **removeu-se o amor**. Ao invés do romance conectando as pessoas, as plantas e os lugares,

6 Nos fazer os mestres e possesores da Natureza, tradução minha.

os monocultores europeus nos apresentaram o cultivo pela coerção” (TSING, 2015, p. 189)

A simplificação das lavouras que começou com a domesticação dos animais e dos cereais, ganhou outra perspectiva a partir das grandes navegações. A coerção é resultado da transformação dos outros humanos e não humanos em Natureza barata. Aos poucos, esse processo de domínio das lavouras pelo do Estado foi passando para o Capital, e cada vez mais, o lucro passou a ser o grande objetivo do desenvolvimento agrícola. A padronização do plantio se tornou por si só o “padrão moderno” da agricultura, tornando as plantas e animais padronizados vulneráveis a pragas e doenças (TSING, 2015, p. 188), o que abriu espaço para produção de agrotóxicos, transgênicos e outros elementos nocivos ao conjunto do planeta, a humanidade incluída nele.

Assim, século após século, o capitalismo como *ecologia-do-mundo* foi buscando novas formas de explorar a Natureza barata. Mas nos anos 1970 essa lógica começou a falhar. São muitos exemplos que ele dá para mostrar seu argumento, mas enfatizo um que dá continuidade ao argumento de Tsing. As fazendas de confinamento de animais aplicam lógicas neoliberais de capitalização na produção de animais para o mercado de alimentos. A médio prazo ela é eficiente, consegue produzir mais, a menores custos, garantindo mais lucros. Mas a longo prazo os custos socioecológicos começam a aparecer (MOORE *et al.*, 2016, p. 92). Os animais, vistos como Natureza barata para uso do capital são engordados, são deformados, têm seus habitats destruídos e perdem o controle de seus corpos (BARRUTI, 2020).

A pandemia da covid-19 é um desses custos socioecológicos. Não se sabe ao certo como ela começou, mas há um consenso de que um vírus teria sofrido uma mutação em um animal, que por estar em contato próximo com um humano teria permitido que ele saltasse e o infectasse. E assim foi saltando de humano em humano até ter virado uma pandemia global. Vale lembrar que as epidemias de nossa geração (como a cólera, o ebola, o HIV e as gripes) estão intimamente ligadas à forma que produzimos os alimentos - com grandes monoculturas, grandes fazendas, indústrias e desmatamento (BARRUTI, 2020; WALLACE, 2020), e que a forma como produzimos alimentos é uma decorrência da lógica cartesiana que separa a Humanidade da Natureza, desde o século XVI.

São muitos os custos socioecológicos decorrentes da lógica cartesiana, não cabe aqui lista-los. Mas entender essa raiz filosófica, epistemológica e ontológica do problema abre o caminho para pensar nas alternativas existentes à essa imposição de civilização

capitalista que vivemos. Ailton Krenak propõe olharmos para os povos tradicionais, que se mantiveram sintonizados com a terra, para nos re-encantar e assim abrir paraquedas coloridos para tornar a nossa queda para o fim do mundo mais leve e bonita. (KRENAK, 2019, p. 15). Anna Tsing propõe acharmos maneiras de habitar as ruínas do planeta a partir de relações entre humanos e não humanos, e ela quebra com o pensamento dualista cartesiano que separa o Homem e a Natureza desde suas escolhas de pesquisa. Estudando os fungos, em exercícios nada convencionais de comparações entre a forma dos fungos se reproduzirem e habitarem o mundo, ela mostra alternativas para nós, humanos. E essas alternativas passam muitas vezes por um processo de redescobrir o amor da indeterminação e colocá-lo no lugar da coerção que o controle do Homem impôs.

Os fungos são conhecidos por sua interdependência entre espécies e tem um papel central na renovação de ecossistemas. Eles são um reino misterioso para os humanos. Poucas espécies foram modificadas e entraram nos esquemas humanos de domesticação. Eles são onipresentes, e difíceis de serem controlados. Tsing conta histórias sobre fungos que destruíam navios ingleses e outros que destruíam monoculturas de batatas na Irlanda no século XIX. Eles mostram como a supremacia humana, com seu ideal de controle e a padronização são frágeis (TSING, 2015, p. 184). Eles também nos ensinam como as paisagens que nutrem colaborações entre diferentes espécies são férteis para a produção de diversidade. Eles crescem nessa diversidade presente nas margens, e mostram como "ainda ferve o amontoado de diversidade que os planejadores imperiais tendem a considerar excessiva" (TSING, 2015, p. 193). Ela propõe então pensarmos em outras formas de agir na terra como perturbação lenta - na qual nós, humanos, temos uma ação lenta no planeta, em conexão com as demais espécies. Para ela, "lentidão é um sonho a se encorajar, mais do que um traço a objetificar" (TSING, 2019, p. 23). E ela nos lembra, que apesar do Antropoceno ser a época da extinção em massa, que ele é também uma era de emergências. E o que emergiu - e segue emergindo dessa época? Segundo ela, emergiu a diversidade contaminada, que "é adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge com os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária - assim como o devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é o que somos e o que temos disponível para uma terra habitável" (TSING, 2019, p. 23)".

O IV Encontro de Saberes da Caatinga, nos seus 9 dias de duração, pareceu um refúgio, um espaço de cuidado com as raízes, de resgate de sabedorias ancestrais e de encontros de diversos saberes. A seguir, conto como esses encontros parecem não só

como um paraquedas colorido, mas também como uma proposta de trazer de volta o amor, como elabora Anna Tsing, para nossa forma de habitar e nos relacionar entre nossa própria espécie e com ambiente em nossa volta.

IV Encontro de Saberes da Caatinga

O encontro aconteceu entre os dias 17 e 26 de janeiro de 2020 no mesmo lugar onde aconteceram os três encontros anteriores, na Chácara Paraíso da Terra, na comunidade Posto da Serra em Exu, no Pernambuco. Esse município faz parte da Área de Proteção Ambiental da Chapada do Araripe. A primeira edição do encontro reuniu principalmente os protagonistas locais Raizeiros, Raizeiras, Rezadeiras, Rezadores, Benzedeiros, Benzedeiras e Parteiras para troca de saberes entre eles: trocas de conhecimentos sobre o uso das plantas e elementos naturais, rezas e outras práticas tradicionais da caatinga.

Como o evento atraiu diversas pessoas de fora da região, do segundo encontro em diante foi organizado um pré-encontro, de 7 dias, no qual acontecem oficinas realizadas por voluntários de práticas que englobam as terapias terapêuticas alternativas, que podem ser associadas à Nova Era⁷, e saberes tradicionais da região. O pré-encontro de 2020 teve a seguinte oferta de oficinas: alimentação tradicional de resistência, constelação familiar, massoterapia e ventosaterapia, yoga e meditação, saponificação, biodecodificação, círculo sagrado feminino, aprendiz de parteira, barra de access, alimentação viva, shantala, agrofloresta sintrópica, aprendiz de raizeiros, quiropraxia, biogênese, fitocosméticos, Transform'Arte, extração de óleos, geoterapia, acupuntura craniana e fitoenergética. Nos últimos três dias do encontro os participantes do pré-encontro tornaram-se coadjuvantes, já que três rodas de conversas foram abertas entre os grandes protagonistas do encontro - os raizeiros e raizeiras, as benzedeadas e benzedeados e as parteiras da região.

Os participantes do evento se inscreveram online, podendo escolher uma série de opções, entre participar de todo ou evento ou parte dele e de comer no refeitório local ou não. Escolhi participar do encontro e do pré-encontro, um total de 9 dias, com

⁷ Conforme Sônia Maluf, “grande parte das definições do fenômeno que estou chamando genericamente aqui de “culturas da Nova Era” se refere à emergência de um vasto campo de experiências e discursos voltados para a articulação entre o terapêutico e o espiritual, e a confluência de diferentes práticas e higiens corporais e saberes (espirituais e terapêuticos): meditação, uso da astrologia, [...], florais de Bach, terapia de vidas passadas, método Fischer-Hoffman etc”. (MALUF, 2005, p. 149–150) (MALUF, 2005, p.149-150)

alimentação. O processo de credenciamento no evento já mostrou um pouco qual seria a lógica de tempo e organização: os participantes estavam ansiosos para se inscrever nas oficinas - que tinham uma limitação de participantes - e a organização estava entendendo qual seria o melhor sistema para isso. Eu comentei em algum momento que o processo estava uma confusão, e fui surpreendida pelo comentário positivo de outra participante que estava do meu lado na fila. Para ela, o processo era *com-fusão*. Por isso dava tempo de olharmos as árvores, de conversar um com o outro, de se fundir. Esse processo, segundo ela, era muito melhor do que se tudo tivesse racionalmente organizado. Essa conversa inicial me abriu para o encontro, que se propunha trazer reflexões e aprendizados para além da mente cartesiana. A fluidez faz parte dessa percepção de espaço e tempo que não está apenas conectada tempo do relógio.

A rotina do pré-encontro era a seguinte: nos encontrávamos entre 7:00h e 8:00h para o café da manhã, na escola da comunidade, onde as merendeiras serviam a comida. Após o café, cada pessoa se dirigia a sua oficina do dia, que poderiam durar um período, um dia inteiro, dois dias ou até 4 dias, como foi o caso da oficina Aprendiz de Raizeiros. Elas aconteciam nas salas da escola ou então na chácara onde as pessoas estavam acampadas, embaixo dos grandes visgueiros que davam sombra e que constituíam a paisagem perfeita para as oficinas. No almoço, todos voltavam a circular no refeitório da escola. Embora nem todos tivessem comprado o pacote que incluía alimentação, alguns aproveitavam o movimento para vender suas mercadorias – cristais, óleos essenciais, produtos locais, artesanatos - para os demais participantes.

As pessoas circulavam com suas roupas confortáveis, de tecidos coloridos e com um cheiro característico das misturas de óleos essenciais presentes nos cosméticos e nos repelentes artesanais - que são muito diferentes dos cheiros artificiais dos produtos industrializados. Durante as refeições trocávamos informações sobre as diferentes oficinas que participávamos, dividíamos nossas histórias de vida, receitas de comidas e cosméticos naturais, além de informações sobre astrologia e como nossas personalidades eram refletidas nos astros.

Listei acima as oficinas que foram ofertadas na quarta edição do evento, e busquei participar da maior variedade delas. Todas estavam ligadas à cura, mas de modo geral, diziam respeito por um lado à cura pela natureza, com remédios naturais e alimentação saudável e pela ancestralidade, tanto no sentido de aprender saberes ancestrais, trazido pelos os raizeiros e raizeiras, as benzedeadas e benzedeados e pelas parteiras da região

quanto pelas terapias sistêmicas, como a Constelação Familiar e a Biodecodificação que trabalham com a ancestralidade e sistemas familiares de cada pessoa.

O pré-encontro terminou com o início do encontro oficial, com os raizeiros e raizeiras, as benzedeadas e benzedeados e as parteiras da região. Como o encontro foi durante o final de semana, muitas pessoas das cidades mais próximas chegaram, principalmente de Recife, e a presença dos senhores e senhoras locais mudou bastante a dinâmica do encontro.

A abertura do evento começou com um canto que já havíamos cantado no pré-encontro – *“verdade, simplicidade, amor”*, valores que permeiam toda a idealização e organização do evento. Na abertura, além de falas institucionais que defendiam a ideia de manutenção dos saberes ancestrais locais - *“se a gente esquecer as raízes, as folhas vão cair”* - se apresentaram grupos de música popular e dança local e um espetáculo de palhaços, porque a arte também é considerada cura.

Nos dias que seguiram, a dinâmica era a seguinte: três rodas foram formadas, uma com os raizeiros e raizeiras em baixo de um dos visgueiros, outra com as benzedeadas e benzedeados em baixo de outro visgueiro e uma com as poucas parteiras presentes. Cada uma das rodas contava com uma ou um facilitador que auxiliava no desenvolver das conversas, que eram em grande parte do tempo apenas entre os próprios protagonistas. Nós, participantes externos, éramos coadjuvantes e ouvintes. Enquanto o grupo de raizeiros compartilhava receitas de remédios para os casos que tinham dificuldade de curar, a roda de benzedeadas e benzedeados dividia o dia entre discussões sobre a inclusão dos seus dons na rede pública de saúde, se existe forma de repassar o dom ou então se se pode cobrar pela cura ou não. Após as conversas, a maioria deles se disponibilizava para benzer os participantes, e filas se formavam para receber a benção ou a reza de cada um. Eles eram católicos, espíritas, da umbanda, do candomblé... embora algumas discussões sobre a predominância da igreja católica entre os rezadores fossem constantes, vi uma diversidade de crenças interessante entre eles. A roda das parteiras era menor, já que com a mudança cultural de parir em hospitais, seus serviços foram cada vez menos solicitados, e muitas vezes elas foram até perseguidas, o que faz com que poucas delas fale em alto e bom tom que elas são parteiras.

O evento terminou com uma roda de encerramento, na qual as organizações que receberiam o encontro de 2021 tiveram um lugar de fala⁸. Ambas trabalham com

⁸ Por conta da pandemia, enquanto escrevo este artigo ainda não foi definido como será o encontro de 2021.

agroecologia e alimentação saudável. Uma professora de química do curso de Engenharia Florestal da UFBA trouxe o retorno do trabalho que seus alunos fizeram no terceiro encontro, de mapeamento das plantas mais usadas pelos raizeiros, mostrando a importância da integração entre a universidade e os saberes tradicionais. O evento acabou com cantos e poemas, e muitos abraços entre os participantes e os protagonistas do evento.

O amor no encontro de diferentes saberes

A palavra encontro no nome do evento é muito certa. Para além do encontro entre pessoas vindas de todo Brasil e de alguns países da América Latina, diversos outros encontros aconteceram, como o encontro entre diferentes sistemas de conhecimento⁹ e formas de entender e trabalhar com saúde e cura, e o encontro entre a saúde, a ecologia e espiritualidade. O comum a todos esses encontros é que o amor tem um papel essencial para gerar diversidade, cura e autonomia, criando uma espécie de refúgio para habitar nosso mundo em ruínas.

Começo pelo encontro de diferentes formas de entender e praticar saúde que aconteceu na oficina de aprendiz de parteiras, nos primeiros dois dias do pré-encontro. A oficina foi facilitada por duas mulheres que trabalham no Sistema Único de Saúde (SUS), na região da Chapada do Araripe. A principal facilitadora é enfermeira obstetra, e contou ter muitos anos de estudo sobre a parteria, tendo viajado o Brasil todo em pesquisa com as diferentes práticas de parto em comunidades tradicionais. Cerca de 20 pessoas participaram da oficina, entre elas, apenas um homem, que estava acompanhado sua companheira gestante. Além das três gestantes e um dos companheiros, a grande maioria das participantes trabalhavam na área da saúde ou já eram doulas¹⁰, trabalhando na assistência ao parto em grandes cidades.

Eu era uma das poucas curiosas da oficina, e não sendo mãe e nem trabalhando na saúde, tinha pouca informação sobre partos, o que tornou a oficina muito interessante. Não cabe aqui levantar as informações específicas ou detalhar a situação dos partos no Brasil – que é bastante complexa e reflete muitas das desigualdades e da crueldade da

⁹ Uso o termo sistema de conhecimentos para falar sobre as formas diferentes de se conhecer o mundo que existem – sendo a Ciência moderna uma delas, os saberes tradicionais caatinga outra. Como Manuela Carneiro da Cunha (2010), defendo nesse artigo que os resultados desses diferentes sistemas de conhecimento devem ser compartilhados, sem ser colonizados.

¹⁰ As doulas são mulheres sem experiência técnica na área da saúde, mas que assistem as mães no processo de parto e cuidados com o bebê.

mercantilização da saúde - mas sim levantar como as facilitadoras trouxeram saberes de diferentes origens para buscar formas humanizadas de parir.

Começo a reflexão a partir dessa palavra, humanizada. A oficina girou bastante em torno dela. Quando que o parto deixou de ser humano para precisar se humanizado outra vez? Segundo a facilitadora, os processos históricos e as políticas de governo teriam “nos afastado do simples para o que é mecânico”, ou intermediado por muitos instrumentos. O avanço da medicina alopática teria um papel importante nesse processo. Para dar como exemplo, ela perguntou como tinha sido nossos próprios partos. Cerca de metade do grupo havia nascido por uma cirurgia cesariana, sem que ela fosse necessária. Como é um processo cirúrgico, ele é muito violento para o corpo da mulher e para o bebê, e deveria ser usado apenas em casos de urgência, quando a vida da mulher está em risco.

Parece que até no processo do nascer - que é um processo do corpo da mulher, o Homem cartesiano buscou, por meio da ciência e da medicina, uma forma de controle da do corpo da mulher como Natureza. A cesariana desnecessária é um tipo de violência e coerção no parto – e nossa facilitadora, que trabalha no SUS com mulheres em situação de vulnerabilidade social nos relatou muitos outros. A forma que ela tem de humanizar os partos em seu entorno é de dar autonomia para as mulheres: “humanizar é tirar o outro do anonimato” dizia ela, por meio de transferência de informação. Durante todo o pré-natal, como agente representante desse mesmo sistema que causa a violência, ela vai trabalhando para substituir a coerção pelo amor, ao trazer autonomia como o direito de saber como o parto funciona e detalhes sobre o processo que estão vivendo. Assim, na hora do parto, as mulheres podem se impor para o médico e escolher o que é melhor para elas.

Além do processo de autonomia da mulher no parto, conversamos muito sobre as diferentes fases da gestação, quais os riscos e desconfortos de cada uma delas e como trata-los. Nesse momento, os encontros de saberes da própria facilitadora vinham à tona. Tendo viajado o Brasil todo em uma pesquisa com parteiras, ela nos indicava as comidas, remédios naturais e processos que eram comum a todas elas, como o poder do gergelim, do mel, do banho de sol ou até da importância de comer carne de caça para algumas, ou galinha caipira, por conta do colágeno.

Associado a todo o conhecimento das parteiras tradicionais, ela trazia também algumas práticas da medicina milenar indiana Ayurveda, sem nunca deixar de lembrar que a medicina alopática não é simplesmente a vilã da história. Ela dizia viver entre dois mundos – “o mundo da farmácia e o mundo dos raizeiros”. Que preferia, sempre que

fosse possível, o último, mas que reconhecia o poder e os avanços da medicina alopática. A própria cesariana, se usada com responsabilidade, salva vidas. Assim como remédios como o Bezetacil que cura a sífilis, doença que causa sérios danos a formação do feto.

Em diversos momentos do encontro pareceu que a medicina alopática, quando aplicada como coerção, causa muitos danos irreparáveis. Na oficina de aprendiz de raizeiros, a relação entre os raizeiros e a esse tipo de medicina apareceu algumas vezes. Em uma troca de receitas para doenças distintas, o principal facilitador da oficina apontava alguns casos em que ele recomendava procurar um médico, pelo tratamento via medicina alopática ser mais eficiente e sem efeitos colaterais, como foi o caso do câncer de pele.

Por outro lado, um palestrante convidado dessa mesma oficina, que se diz estar médico pela sua formação em medicina, apontou diversas vezes as maneiras como que para ele, a medicina tinha perdido o amor. Ele tem uma larga trajetória com medicina popular, ele é um dos atores responsáveis pela idealização do evento e se considera mais raizeiro do que médico. Em um argumento alinhado a ideia da facilitadora da oficina de parteiras, ele dizia que o trabalho de quem cura – o médico incluído - deveria deixar o patientismo do lado, e dar autonomia para o povo e valorizar a medicina popular. Segundo ele, a mercantilização da medicina, que trata só o sintoma e não a causa, faz com que fármacos perigosos sejam empregados no lugar de remédios naturais que o povo está acostumado a usar a gerações. Ele deu o exemplo do Omeprazol, usado para dores no estômago – estudos recentes apontam que seu uso pode desencadear demência¹¹.

Assim como nas *plantations* o amor pelo bem estar, pela cura, pelas pessoas parece ter sido trocado pela coerção e pelo controle da indústria farmacêutica e do fazer do médico tradicional. Segundo Tsing, na ciência das *plantations* o amor não flui entre o especialista e o objeto que está sendo plantado (TSING, 2019). Na percepção dos facilitadores das oficinas de aprendiz de parteira e de raizeiros, parece que muitas vezes, ao tratar o sintoma, sem olhar para as causas, para a pessoa que está precisando de cuidados, o amor tampouco flui entre o médico e o paciente.

Outro encontro interessante de sistemas de conhecimento foi o da medicina popular com as terapias da Nova Era que foram promovidas no pré-encontro. Parecia haver na intenção dos últimos uma grande vontade em aprender técnicas de cura tradicionais da região para integrar as suas práticas recorrentes. Uma das participantes do

¹¹ Para detalhes sobre a pesquisa, ler artigo publicado em 2014 no site do Hospital Universitário da UFSC (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR POLYDORO DE SÃO THIAGO, 2019)

evento - que acabou se tornando uma das minhas principais interlocutoras de pesquisa do mestrado, é um bom exemplo de como esses saberes se cruzam. Mari é farmacêutica de formação, mas há 12 anos abandonou a profissão para viajar e depois viver na zona rural de Jacobina, na Bahia. A conexão com a saúde e a cura não a deixou, e hoje ela atua como uma espécie de curandeira de amigos e vizinhos, usando todo o conhecimento de plantas medicinais e técnicas de cura energéticas que ela aprendeu nos últimos anos em suas viagens e encontros como esse. Entre o Reiki e a Bio-energia, ela usa seus óleos essenciais, tinturas de ervas e práticas de alimentação que deixam claro os encontros entre a Nova Era e a medicina popular.

Na literatura das terapias alternativas ligada a Nova Era é interessante identificar alguns elementos que, embora façam parte de um sistema de conhecimento bastante distinto, convergem em algumas práticas, ou produtos, que puderam ser trocadas de forma a enriquecer o repertório dos participantes do evento (CUNHA, 2010).

Na relação entre Nova Era e saúde podemos, de modo geral, elencar três elementos essenciais - que conversam com a visão da medicina popular que foi passada durante o evento. Segundo Toniol (2017, p. 29), esses elementos são: 1. A noção de unidade profunda na terra; 2. A cultura moderna ocidental compromete o equilíbrio dessa unidade e 3. Essa unidade profunda – ou holismo, como colocou Stern et al (2018), funciona como um sistema. Estados de harmonia e desarmonia se estendem assim por todo o sistema.

A noção de unidade profunda na Terra está ligada à noção de holismo, que é um dos pontos centrais da cosmologia novaerista. Segundo Stern et al (2018), holismo foi um neologismo inventado por Jan Smut na década de 1920 e “foi descrita como uma característica natural do universo de formar totalidades. Essas totalidades seriam maiores que a soma de suas partes, o que significa que ainda que o todo possa ser decomposto, não é possível compreender adequadamente a natureza estudando apenas as suas partes desassociadas.” (SMUTS, 1927 apud STERN et al., 2018, p. 272). Ou seja, nessa cosmologia tudo está ligado em uma única cadeia de associação que liga a realidade física e metafísica do mundo. Uma fala constante entre os raizeiros me chamou atenção nesse sentido: as plantas medicinais que nascem espontaneamente trazem o que a comunidade local mais precisa - e por isso as plantas endêmicas seriam mais eficazes do que as plantadas. A conexão entre o ambiente, a vegetação espontânea e a saúde dos humanos que estão ali, em relação, é entendida pelos terapeutas alternativos como uma forma em que o holismo de manifesta.

O segundo elemento é o a crítica à modernidade, e abarca discussões sobre o capitalismo, neoliberalismo e aceleração do tempo-espaço, como já mencionei acima. O modo de vida do Homem compromete gravemente o equilíbrio da unidade profunda. O terceiro elemento, que aponta para o aspecto sistêmico dessa unidade, implica que estados de harmonia e de desarmonia se estendam para toda a cadeia de relação. Em outras palavras, como a forma moderna de vida causa desequilíbrios em um mundo que é todo interligado holisticamente, em um sistema que abarca a matéria física e metafísica, esse desequilíbrio causa doenças não apenas para o ser humano, mas para todo o tipo de vida que existe no planeta, sendo por muitos, ele próprio entendido como um organismo vivo por inteiro. Sendo assim, a noção de saúde na cosmologia Nova Era é ampla e extrapola os limites do corpo, e abarca corpo, self, estilo de vida e ambiente.

Nesses dois princípios, os participantes também encontraram afago na medicina popular – da mesma forma que com o holismo, os produtos de seus distintos sistemas de conhecimento se encontram na maneira como as práticas pessoais de desenvolvimento de si convergem com práticas ecológicas de cuidado com o planeta. O tipo de alimentação e a forma como ela foi tratada no evento é um bom exemplo.

Ficou claro desde um princípio que a cura dos raizeiros passa diretamente pela alimentação - e alimentação entendida como o sistema alimentar, desde a produção dos alimentos e toda sua cadeia até chegar na mesa. Várias oficinas do pré-encontro tratavam diretamente do tema – com temas como agroecologia e alimentação viva. O principal facilitador da oficina aprendiz de raizeiros nos contou como que alguns “vaqueiros da morte” de nossa alimentação deveriam ser eliminados por completo, como o sal e o açúcar refinado, o leite, entre outros. Ele comentou que todo tratamento que ele propõe começa com uma limpeza do corpo - com um dia de jejum e 5 dias em que a pessoa come apenas arroz integral¹², para depois começar o tratamento com as plantas, uma vez que quem estiver sendo tratado ou tratada alinhe sua alimentação. Segundo ele, nenhum remédio natural funciona se a alimentação não estiver balanceada.

O outro convidado dessa mesma oficina que é médico e raizeiro defende que o alimento é a base de nossas vidas. Segundo ele, a terra e nosso corpo estão intimamente

¹² A dieta do arroz integral era uma boa forma de limpar as águas do corpo de toxinas que acumulamos durante a vida, e era recomendada como o começo de quase todos os tratamentos. Em sua versão completa, ela consiste em ficar 21 dias comendo apenas arroz integral orgânico cozido em água, sem sal nem tempero e 2l de água por dia. Nada mais do que isso. Além da limpeza física, o arroz ensina a comer melhor e a ficar presente, sem ansiedade, e sem vícios. Muitos participantes do evento decidiram começar a dieta do arroz durante o evento, e era comum ver participantes com suas vasilhas de arroz durante as oficinas.

ligados. A terra é alcalina, assim como a nossa vida. Sendo assim, a terra alcalina não precisaria de agrotóxicos, assim com o um corpo alcalino não precisaria de antibióticos e preveniria doenças como o câncer. Uma dieta com alimentos alcalinos seria ideal. Alimentos altamente industrializados, carnes e seus derivados seriam todos alimentos acidificantes. Segundo ele existe uma ligação direta entre a ecologia e o corpo humano. O doutor defendia também que outra grande causa das doenças hoje em dia seria a falta de amor e de harmonia. Segundo ele, deveríamos nos “amorizar” e nos harmonizar espiritualmente, o que garantiria “uma harmonia no eixo psico – neuro - imuno - endócrino”, já que a saúde seria holística. Essa fala aponta para o caráter sistêmico de sua forma de entender a harmonia e o equilíbrio, que está intimamente ligada a ideia holística de entender o mundo que diferentes sistemas de conhecimento entendem. A crítica ao sistema capitalista apareceu em vários momentos de sua fala, desde à crítica a medicina alopática, até a nossa alimentação cheia de agrotóxicos, alimentos ultra processados e transgênicos que fazem adoecer nossa espécie e o ambiente ao redor.

Outro encontro importante é o de diferentes formas de cura que se entrelaçam em diferentes momentos: a cura espiritual, dos benzedeiros e benzedoiras, e a cura no plano físico, com as diferentes terapias dos raizeiros e raizeiras e até em algumas das terapias alternativas do pré-encontro. Uma fala na oficina de aprendiz de raizeiros mostra esse entrelaçamento de forma muito bonita. Frente a uma plateia sentada do chão, em um círculo que dava volta no enorme visgueiro, ávida por aprender um pouco sobre o fazer do raizeiro, o facilitador explicava como existem dois tipos diferentes de raizeiros: os do sendo e os do sido, trazendo uma perspectiva temporal, que na verdade, separa duas dimensões - a material da espiritual.

O raizeiro do sido é aquele que cura usando as informações que ele adquiriu no passado, na sua experiência material e empírica do que funcionou e do que não funcionou no uso de cada remédio para cada doença. Ele tem receitas que podem ser replicadas diversas vezes. Já o raizeiro do sendo é o raizeiro que vai recebendo a informação de como curar determinada patologia no momento do tratamento. A informação vem do espírito, de alguém que desencarnou, se si mesmo... mas ela só vale naquela momento, para aquela pessoa. Ele nos contou que ele, quando raizeiro do sendo, atua pelo faro, pela sua intuição, porque ele se diz ser “cego” por não ter nenhuma comunicação direta com outros planos. Já alguns raizeiros do sendo que podem ver, recebem ajuda de encantados, espíritos, dependendo se sua crença e atividade espiritual. Aqui a figura dos raizeiros e

benzedeiros se mesclam - e durante o evento, alguns senhores e senhoras transitavam entre as duas rodas, mostrando como seu papel na cura atravessa esses dois mundos.

Todos esses encontros dos produtos relacionados a saúde e cura, vindos de diversos sistemas de conhecimento diferentes pareceram muito positivos, no sentido de trocas de experiências diversas e respeito pelo saber do outro. Em alguns momentos alguns pequenos conflitos entre os diferentes sistemas que podem chegar num mesmo produto final apareciam, mas sem causar grandes desconfortos. Foi muito interessante observar como nas diversas oficinas facilitadas pela população local, os participantes de fora buscavam informações precisas, como a ordem exata de misturar os ingredientes, ou quantidades, ou o porquê de algum processo técnico específico - informações que eles muitas vezes não sabiam dar, e que para eles parecia ser irrelevante. Aqui o choque entre os diferentes sistemas de conhecer o mundo apareciam, na tentativa de objetividade que estamos acostumados com a Ciência moderna e a forma de aprender empiricamente daquela população da caatinga. Eram choques inofensivos, até engraçados muitas vezes. Parecia que a *com-fusão* se ajustava ao passo que todos entendiam o funcionamento geral daquele tratamento, ou daquele processo específico.

Mas parece que uma vez que o amor saia de cena, e elementos da coerção do Homem em busca de controle e maximização apareciam no encontro, mesmo que desapercibido e munido da melhor dos intencões. Na roda das parteiras, durante o encontro principal, parece que os resquícios desse Homem apareceram nas mulheres da cidade, que trabalham com o parto, e estavam muito ansiosas por conhecer - e sugar - todo o conhecimento das parteiras tradicionais da região. Como comentei, nos últimos três dias de encontro, a ideia é que as rodas de conversas fossem entre as protagonistas e os demais participantes do evento deveriam participar como ouvintes, salvo quando fosse aberta a roda para perguntas ou comentários de fora. Logo no primeiro dia, as poucas senhoras de idade parteiras foram atravessadas por perguntas, que embora importantes, desrespeitavam o fluxo proposto. A facilitadora precisou criar acordos escritos em uma cartolina para quem fosse escutar as discussões da roda nos próximos dias, como "escutar, acolher e respeitar" e "desprenda-se da objetividade! Nem sempre as respostas virão da forma que queremos escutar". Esta última diz muito sobre os sistemas de conhecimento conflitantes que estavam ali.

Considerações finais

Com a etnografia do IV Encontro de Saberes da Caatinga busquei mostrar como os encontros dos resultados e produtos de diferentes sistemas de conhecimento, com amor, geram diversidade contaminada (TSING, 2019). Que nem sempre é bonita, mas é o que temos disponível para transformar essa perspectiva imanente de fim de mundo num lugar habitável.

Como disse um dos raizeiros, “saúde é isso aí: não é só comer não. É se pensar e pensar no mundo. Pensar o planeta. Saúde é objetiva e subjetiva, uma relação entre os dois. Pensar esse ser harmonizado e amorizado. Com o universo com as plantas, com os animais, com as pessoas, que aí está a nossa felicidade”.

Como trazer então o amor de volta para as nossas relações entre humanos e não humanos? Nos exemplos que Anna Tsing traz sobre o amor de alguns especialistas pelos cogumelos - estes que são criaturas das margens, com os quais nós humanos conseguimos exercer pouco controle – o controle, o planejamento, o design fechado Humano fica de lado. O encontro entre o especialista e o objeto é indeterminado – e no caso do médico ou curandeiro com a pessoa que precisa de cura, o último se torna sujeito ativo de seu processo. O amor pela vida, pelo nascer, pelas tradições, pelo ambiente torna a autonomia possível. E a autonomia de cada um, respeitada, é uma forma de representação deste amor que trato aqui.

REFERÊNCIAS

- BARRUTI, Soledad. **Nuggets e morcegos: como cozinhamos as pandemias** Editora **Elefante**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/nuggets-e-morcegos-como-cozinhamos-as-pandemias/>. Acesso em: 30 maio. 2020.
- CUNHA, Manuela Carneiro. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 439–464, 2010.
- HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR POLYDORO DE SÃO THIAGO. **Omeprazol e demência: em estudo atual, uma relação preocupante**. Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://www.hu.ufsc.br/setores/farmacia/2014/12/29/omeprazol-e-demencia-um-estudo-atual-uma-relacao-preocupante/>. Acesso em: 10 out. 2020.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu. Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MALUF, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v. 1, 2005.
- MOORE, Jason W. *et al.* **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History and the Crisis of Capitalism**. Binghamton: PM Press, 2016. *E-book*.
- STERN, Fábio L. *et al.* Aplicação do conceito de racionalidades médicas ao sistema de cura novaerista. **Espaços**, São Paulo, v. 2, n. 26, p. 267–282, 2018.
- TONIOL, Rodrigo. Nova Era e saúde: balanço e perspectivas teóricas. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB**, [S. l.], n. 80, p. 27–41, 2017.
- TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>
- TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. *E-book*.
- WALLACE, Robert G. **La responsabilidad de la agroindustria en el Covid-19 y otras enfermedades virales**. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://movimientom4.org/2020/04/la-responsabilidad-de-la-agroindustria-en-el-covid-19-y-otras-enfermedades-virales/>. Acesso em: 30 maio. 2020.